



CINEMA COMO OBJETO ARTÍSTICO NAS AULAS DE ARTE

Maysa Nara Eisenbach¹

RESUMO

Este artigo mostra o resultado de um levantamento realizado pela autora sobre uso do cinema em sala de aula pelos professores da disciplina de Arte dos municípios de Campina Grande do Sul, Quatro Barras e Piraquara no Paraná elaborado através de pesquisa quantitativa e qualitativa. Também traz o resultado da pesquisa bibliográfica sobre o cinema na educação e mais especificamente na disciplina de arte com base nos métodos apresentados por José Manuel Moran, Marcos Napolitano e Rosália Duarte. O resultado são as relações existentes ou inexistentes entre o trabalho dos professores e a visão dos autores citados, bem como sugestões para leitura fílmica nas aulas de arte.

PALAVRAS-CHAVE: cinema na educação; cinema nas aulas de arte; leitura fílmica; arte; educação.

¹ Docente de Arte pela SEED/PR – Colégio Estadual Campos Sales Docente de Artes Visuais pela ARIGAF – Associação Ricardo Gadotti Feldmann Graduada em Licenciatura em Educação Artística pela FAP – Faculdade de Artes do Paraná Especialista em Informática e Educação pelas Faculdades Integradas Espírita Especialista em Mídias Integradas à Educação pela UFPR

ABSTRACT

This article shows the result of a survey conducted by the author about the use of movies in the classroom by teachers of Arts from Campina Grande do Sul, Quatro Barras and Piraquara, in Paraná, developed through quantitative and qualitative research. It also brings the result of the bibliography about cinema in education, more specifically in the Arts discipline, based on methods presented by José Manuel Moran, Mark Napolitano and Rosalie Duarte. The result is the existing or non-existent relationship between the teachers' work and vision from these authors, as well as suggestions for reading movies in Art classes.

1. INTRODUÇÃO

Para Napolitano¹ apesar do cinema não ter sido criado com função pedagógica, em especial relacionado às classes trabalhadoras, atualmente esta linguagem pode auxiliar a escola a “reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.

Com base nesta afirmação cotidianamente se observa o uso do cinema como forma de ilustração a conteúdos das diversas disciplinas ou ainda como apoio ao ensino de determinados temas. Mas e quando o cinema é o próprio conteúdo, como na disciplina de arte. Que metodologia pode ser utilizada para desenvolver o conhecimento em cinema como objeto artístico nas aulas de arte?

Afinal, em que medida os professores de arte têm feito o uso do cinema em sala de aula?

Para responder a esta questão, em pesquisa realizada em 2010



como trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias aplicadas à Educação², foi realizado um levantamento baseado na metodologia proposta por Antonio Carlos Gil³ através do uso de pesquisa quantitativa e qualitativa sobre o uso do cinema nos municípios de Campina Grande do Sul, Piraquara e Quatro Barras no Estado do Paraná.

Como nem sempre é possível contactar os professores dos três municípios, foi aproveitado o curso chamado de “Itinerante” ocorrido em setembro de 2010 e promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná – SEED - no Colégio Estadual Ivan Ferreira do Amaral Filho, em Campina Grande do Sul, pois neste momento boa parte destes profissionais estariam reunidos no local.

Para realizar este levantamento, foram elaboradas questões fechadas e abertas e aplicadas a 24 professores de arte dos municípios citados anteriormente. Através das respostas a estas questões foram verificados a metodologia e o objetivo do uso do vídeo

¹ NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema em Sala de Aula. 4. ed. 3a. reimpressão. SP: Contexto, 2010. ² Especialização ofertada à distância pela UFPR. Nota da autora. ³ GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

2

KEYWORDS: Cinema in education, movies in Art class, reading movies; Art; Education.

em suas aulas, a idade dos docentes e tempo de docência, para que pudesse ser verificada uma possível relação entre estes dados e o uso do cinema nas aulas de arte.



Como requinte de sofisticação na leitura destes dados, foi necessária pesquisa bibliográfica apresentada aqui como referência sendo escolhidos três autores: Vollu, Moran e Napolitano. Não foi encontrado nenhum autor da área de arte que desenvolva um trabalho específico voltado ao uso do cinema como conteúdo nesta disciplina.

Por fim, o presente artigo se torna relevante por poder levar a uma autorreflexão por parte dos docentes de arte sobre o uso do cinema em suas aulas e por possibilitar novas metodologias de uso desta mídia, contribuindo assim para a diminuição do fosso cultural entre os alunos das classes menos privilegiadas, notadamente os estudantes de escola pública, e os alunos das classes mais abastadas.

1. USO DO VÍDEO NAS AULAS DE ARTE

Para os levantamentos que seguem, foram coletados dados através da aplicação de questionário que se valeu de perguntas com resposta de múltipla escolha para verificação quantitativa, e questões com resposta discursiva, aberta, para verificação qualitativa.

1. 1. USO DO VÍDEO EM SALA DE AULA PELOS PROFESSORES DE ARTE: LEVANTAMENTO QUANTITATIVO

Para ser realizado o levantamento, foram aplicados 24 questionários aos professores de arte, dos quais 06 provinham das escolas localizadas em Campina Grande do Sul, 13 em Piraquara, 02 em Quatro Barras e 03 que preferiram não revelar dados sobre seu município de trabalho.

Os professores tinham em média 37 anos de idade, e destes aproximadamente 11 anos dedicados à docência. O professor com



menor tempo docência iniciou seu trabalho fevereiro de 2010 e o com maior tempo já havia completado 24 anos de docência, estando em vias de se aposentar.

Apesar do conteúdo de cinema estar previsto nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, foi verificado que 12,5% dos docentes que participaram da pesquisa

3

não fazem uso do cinema em sala de aula, sendo que um deles disse utilizar o equipamento audiovisual somente para mostrar imagens de obras de arte, deixando de lado as outras possibilidades de seu uso.

Em relação à metodologia utilizada para o uso do cinema no interior da escola foi elaborada uma questão baseada nas duas possibilidades apresentadas por Napolitano (2010, p. 81 e 82): a reprodução em sala do filme na íntegra, resposta de 37,5% dos questionários, reprodução parcial com 33,3% das respostas e ainda 12,5% dos professores reproduz os vídeos ora integral, ora parcialmente e 4,1% não responderam a esta questão.

É pertinente dizer que não foi percebida relação entre a idade do professor e o uso ou não uso do vídeo em sala de aula. Assim como um dos professores mais jovens, com 23 anos não faz uso do vídeo, o professor mais velho, com 50 anos o faz. Este resultado desqualifica a generalização de que as novas mídias são utilizadas somente pelos professores mais jovens que já nasceram na era digital, demonstrando que é realmente a intenção do professor que faz a diferença.

1.2. USO DO VÍDEO EM SALA DE AULA PELOS PROFESSORES DE ARTE: LEVANTAMENTO QUALITATIVO



Quando foram verificadas as duas formas de uso do cinema em sala de aula, foi oportunizada a resposta aberta sobre o motivo pelo qual o docente apresentava o filme na íntegra ou apenas algumas partes.

Para os profissionais que optam por apresentar os filmes na íntegra, a trama deve ser mostrada do início ao fim, para que o aluno compreenda o contexto do filme e sua mensagem.

Outro motivo é o de que nestas cidades, segundo os participantes da pesquisa, há poucas locadoras e com acervos muito pequenos de vídeo e mesmo ao acesso à internet (no caso dos vídeos disponíveis neste meio) também é muito restrito na maioria dos casos, dada a baixa renda dos alunos da região (afirmação passível de pesquisa e verificação concreta em uma próxima oportunidade)⁴.

Assim apesar da exibição parcial dos filmes ser capaz de estimular sua apreciação na íntegra, muitos dos filmes apresentados pelos professores em sala

4

⁴Nota da autora.

inexistem nas locadoras das cidades, o que frustraria o aluno que tenha maior curiosidade em relação ao mesmo.

Por outro lado, os profissionais que apresentam apenas trechos do filme, dizem fazer a seleção das partes previamente, mostrando apenas os trechos que realmente se relacionam ao conteúdo curricular a ser trabalhado, pois, segundo a maioria dos questionários respondidos neste sentido, a exibição do filme na íntegra leva muito tempo, o que é complicado, já que a carga



horária da disciplina é relativamente pequena – no Paraná obrigatoriamente 02 horas-aula semanais de 50 minutos cada (SEED. 2008, p.45).

Um dos professores salienta que dependendo do tema do filme o tempo prolongado de sua apresentação na íntegra faz com que o aluno perca o interesse.

Há ainda os professores que reproduzem integral ou parcialmente o filme em sala de aula dependendo da necessidade ou intenção de sua apresentação.

Todos os profissionais que disseram fazer uso do vídeo em sala de aula costumam apresentar filmes e documentários que tratem não apenas da área artística de sua formação, mas de todas as áreas, e ainda filmes que abordem os temas relacionados a questões morais, éticas e ideológicas.

Neste contexto, percebe-se que o filme não é trabalhado pelo professor como objeto artístico, mas sim como apoio ou ilustração para o conteúdo curricular desenvolvido em sala.

Oito destes professores, além de exibirem filmes, procuram também produzir vídeos para serem utilizados em suas aulas e nove dos participantes estimulam seus alunos também fazerem suas produções para serem exibidas em sala de aula.

O estímulo aos alunos ocorre de diversas formas. Uma delas é seu uso como recurso para os alunos que se sentem vexados em fazer apresentações ao vivo em sala. Outra forma é a gravação para registro do processo artístico para depois ser apresentado em sala para apreciação e análise por parte dos alunos e professor.

Uma professora diz que dependendo do conteúdo trabalhado, passa o tema para os alunos e “libera” a escolha do recurso para a



produção artística, lançando como opção a produção de vídeo que, segundo ela, é frequentemente adotada pelos alunos.

Alguns disseram que aproveitam o uso do celular por parte dos alunos e os estimulam a utilizar o recurso da câmera de vídeo embutida para filmar cenas de seus trabalhos.

5

Após a filmagem, há ainda o estímulo do uso de outra mídia, que é o computador para fazer edição destes filmes. Para isto, fazem uso do laboratório de informática da escola.

Ao final do questionário os professores responderam a uma questão aberta onde os professores poderiam comentar as formas de uso do vídeo empregadas em suas aulas. Esta questão além de levar os professores a fazer uma auto-análise de sua prática docente em sala, permitiu que fossem verificadas as estratégias utilizadas para estimular o processo de ensino-aprendizagem através do uso desta mídia.

A grande maioria dos professores parece não abordar o filme em si como objeto artístico. A preferência é de utilizá-lo para abordar o contexto histórico dos movimentos artísticos ou a biografia e obra dos artistas, ou ainda estimulando a produção de vídeos pelos alunos conforme citado anteriormente.

Após análise de todas as respostas discursivas dos questionários foi elaborada a síntese com uma espécie de “passo a passo” utilizado pela maioria dos professores:

- 1 – Introdução ou estudo do conteúdo curricular presente no filme
- 2 – Exibição do filme na íntegra ou partes do filme
- 3 – Discussão sobre o contexto histórico do filme
- 4 – Debate sobre pontos relevantes de seu enredo

5 – Questionário ou síntese do filme

Para uma melhor análise dos dados obtidos a partir do levantamento apresentado anteriormente, foi elaborada uma revisão bibliográfica sobre o uso do cinema em sala de aula. Para isto foram selecionados três autores Moran, Napolitano e Vollú, pelo fato de os três fazerem larga defesa do (bom)⁵ uso do cinema em sala de aula.

2. O CINEMA NA EDUCAÇÃO

O cinema e a escola dialogam há bastante tempo, porém notadamente a sétima arte ainda não costuma ser reconhecida como parceira na formação geral das pessoas. (DUARTE, 2006, p. 85)

6

⁵ Intervenção livre da autora.

Este diálogo entre cinema e escola teve início já no fim da Segunda Guerra Mundial e ocorreu ora de forma idealizada, ora de forma extremamente crítica através dos “filmes de escola” norte americanos que costumam trazer dilemas que ocorrem na escola e tratar o currículo como algo sem sentido.

Além disto, os “filmes de escola” norte americanos tendem a colocar o professor como “um ser abnegado, com espírito missionário e dedicação sacerdotal, numa visão romântica e conservadora a respeito do que é o conceito escolar”. (VOLLU apud EISENBACH. 2011, p. 18)

Pierre Bourdieu⁶ citado por Duarte (2002, p. 13), afirma que a experiência cinematográfica desenvolve a “competência para ver”,



ou seja, uma tendência, valorizada socialmente para a compreensão, análise e apreciação da linguagem fílmica.

Assim, o professor deve mostrar aos alunos que muito além do simples entretenimento, o cinema pode ter muita relevância no seu processo de ensino- aprendizagem, auxiliando o desenvolvimento da percepção crítica tanto em relação ao cinema propriamente dito, quanto em relação ao seu entorno. (NAPOLITANO. 2010, p. 14)

Outro motivo para a defesa do cinema em sala de aula é a de que através dele o aluno pode ter contato com a cultura cotidiana, popular e erudita já que nele vários valores, inclusive estéticos e ideológicos podem ser sintetizados, mesmo sendo ele um instrumento da indústria de comunicação de massa. (NAPOLITANO. 2010, p. 11 e 12)

O gosto das pessoas está intimamente relacionado à sua origem social e familiar. Pesquisas afirmam que 79% das pessoas que costumam frequentar o cinema no Brasil são estudantes universitários, oriundos de famílias de classe média e alta. Possivelmente estes espectadores tiveram ao longo de suas vidas, maiores oportunidades de ver filmes por possuírem tanto condições financeiras para tal quanto esta prática cultural incentivada por seus familiares.

Assim, uma das formas de diminuir o fosso social entre as classes menos abastadas, normalmente estudantes de escola pública, e as classes mais abastadas é a exibição e análise crítica de filmes em sala de aula, propiciando o desenvolvimento do olhar necessário para a apreciação e compreensão dos diferentes gêneros fílmicos.

7

⁶ BORDIEU, Pierre. La Distinction: critique sociale Du jugement. Paris: Lês

Éditions de Minuit, 1979.

É importante perceber que apreciação estética, mais do que simplesmente um gosto pessoal, é uma prática social que atua na formação das pessoas. (Duarte. 2002, p. 14)

Desta forma, não há como o professor saber previamente a reação dos alunos quando for exibir um filme, já que a turma pode tanto recebê-lo bem, quanto demonstrar repudia ou indiferença. (MORAN. 1995)

O natural é que o filme chame a atenção do espectador por identificação com algum elemento filmico, especialmente relacionado à trama. Muitas vezes para que haja esta percepção é necessária a mediação por parte do professor já que para chamar a atenção do espectador ele precisa ter certa identificação com o filme.

[...] identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama. Os cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona. Para que a história faça sentido e conquiste a atenção do espectador, até o final, é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos desejos, expectativas, valores e assim por diante. (DUARTE. 2002, p. 71)

Nem sempre os alunos apresentarão uma reação positiva em relação aos filmes apresentados em sala de aula, porém isto não se configura como um mau sinal, pois o professor, quando bem preparado, pode aproveitar uma critica maldosa do aluno para ampliar seus horizontes culturais.

Assim, é importante não apresentar aos alunos somente os filmes que reproduzam suas expectativas, pois é necessário que o professor demonstre que a função do cinema na escola é de ultrapassar o hábito de assistir filmes apenas por laser, daí a

proposta de uma leitura filmica crítica. (NAPOLITANO. 2010, p. 14 e 15)

Mesmo com a possibilidade do uso do cinema em sala de aula poder ser uma prática de cunho pedagógico muito relevante, Moran (1995) afirma que também pode ocorrer o uso inadequado do filme na escola.

Como exemplo de mau uso, Moran (1995) coloca que muitas vezes seu uso é feito apenas como “tapa-buraco”, quando, por exemplo, um professor falta e o filme é utilizado apenas para manter os alunos em sala de aula.

Há também o “vídeo-enrolação”, quando o filme é exibido sem nenhuma pertinência ao conteúdo ou disciplina e o “só vídeo” quando não há nenhuma pretensão pedagógica por parte do professor e ele realmente só passa vídeo.

8

Já o “vídeo deslumbramento” ocorre quando o professor pensa ser esta a única dinâmica pertinente para o enriquecimento da aula e assim exagera no uso do vídeo.

Tanto Moran (1995) quanto Napolitano (2010, p. 15) argumentam que o professor deve, antes de exibir o vídeo, planejar muito bem sua aula, se informando a respeito do filme e o assistindo na íntegra para perceber se o mesmo é pertinente aos seus objetivos didáticos bem como à faixa etária do aluno.

Para isto, Napolitano indica que o professor questione:

a) Qual o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? b) Qual o objetivo didático-pedagógico específico do filme? c) O filme é adequado a faixa etária e escolar do público alvo? d) O filme pode e deve ser exibido na íntegra ou a atividade se desenvolverá em torno de algumas cenas? e) O público alvo já assistiu



a algum filme semelhante? (2010, p. 19 e 20)

Estas questões podem auxiliar ao professor na percepção das necessidades, limites e possibilidades relacionadas à idade-série do aluno além de auxiliar na observação de seu repertório cultural.

Quando o filme for de difícil interpretação, mas mesmo assim sua leitura seja de grande valia, pode ser planejada a re-exibição de partes do filme para maior absorção das informações, evitando assim que o filme perca o sentido em sala de aula (MORAN, 1995)

Para Napolitano (2010, p. 82 e 83) é importante, antes de iniciar qualquer atividade filmica, fornecer um roteiro de análise para os alunos, que pode se dividir em duas partes: uma informativa - na qual o aluno busca informações sobre o filme - e outra interpretativa - colocando questões básicas que o aluno deve perceber durante a exibição do filme.

Na parte informativa, deve ser inserida a ficha técnica do filme, seu gênero, tema central e uma sinopse da história. Também deve haver a lista dos personagens principais, características e funções dramáticas. (NAPOLITANO, 2010, p. 82 e 83)

Nos filmes históricos há a necessidade de que os alunos adquiram informações mínimas sobre o contexto em que o filme se passa e em que época foi produzido. Se for necessário o professor pode fornecer também textos de apoio para os alunos para que os mesmos possam analisar melhor o filme. (NAPOLITANO, 2010, p. 82 e 83)

9

O professor deve evitar ao máximo influenciar os alunos com sua opinião particular, para evitar a perda do desenvolvimento crítico do aluno. Mesmo assim, o professor pode se colocar como

moderador de uma conversa onde os alunos questionem e comentem o filme.

Depois da exibição fílmica, pode ser feita uma análise globalizante em que os alunos comentem seus aspectos positivos e negativos, idéias principais e ainda o que mudariam em sua trama. Moran (1995) sugere que isto seja na forma de diálogo ou textual dependendo dos objetivos almejados.

3. O CINEMA NA AULA DE ARTE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE POSSÍVEIS ABORDAGENS.

Conforme levantamento apresentado anteriormente, não é difícil perceber a dificuldade dos professores utilizarem o cinema em sala de aula como objeto artístico, o que faz com que em geral, o filme seja exibido apenas como ilustração às aulas e não como conteúdo propriamente dito.

Segundo afirmação de Moran (1995) é possível propor várias formas de trabalho com o cinema nas aulas de arte, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e quiçá até no Ensino Universitário.

Porém sua percepção por parte do professor como obra de arte pode propiciar inicialmente uma boa forma para mediar o conhecimento sobre os elementos formais propostos pelas Diretrizes Curriculares de Arte do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008, p. 65)

Através da leitura fílmica o professor de arte pode trabalhar conteúdos como: espaço, cor, luz, equilíbrio, ritmo visual, composição, movimento, som, iluminação, planos de enquadramento, angulação de câmera, observação de imagens, apreciação estética, entre outros. (VOLLÚ, 2006, p. 15)



Nas aulas de arte, o cinema também propicia diferentes possibilidades de abordar a imagem como conteúdo, já que agora, ela se apresenta em movimento, afinal, o cinema se apropria de elementos da linguagem visual, se utilizando de diferentes iluminações, cores, ritmo e organização visual. (VOLLÚ, 2006, p. 13)

10

Para ser capaz de ler um filme, ou seja, compreender sua mensagem, é necessário o conhecimento desta linguagem que ocorre a partir do momento que o indivíduo começa a ser expectador de cinema.

É claro que para a maioria das escolas, em especial as de ensino público, com as diversas classes sociais ali presentes, em especial as menos abastadas, é muito difícil para o professor levar o aluno a uma sala de cinema para assistir a um filme, primeiramente pelo custo do ingresso de cinema que costuma ser alto – embora alguns cinemas façam “promoções” em algumas sessões voltadas especialmente às escolas⁷.

Outra dificuldade costuma ser a distância entre os cinemas e as escolas. Em muitas cidades, como nas três em questão, não há cinema, o que complica ainda mais a situação.

Mesmo assim, apesar de não possuir a “aura” do cinema, com telão, som de alta qualidade e cadeiras confortáveis a apresentação do filme em sala de aula pode significar um primeiro grande passo.

Apesar disto, somente apresentar o cinema em sala de aula pode não ser suficiente para o aluno se tornar expectador e fruidor deste gênero artístico. Para isto, é possível trabalhar diversas atividades de análise fílmica junto aos alunos.



A linguagem cinematográfica (recursos e dispositivos) que o diretor, roteirista e atores usam para se expressar devem ser analisadas. Também é elementar estabelecer junto com os alunos as relações entre o filme e o contexto sócio-histórico tanto da época que o filme representa quanto da atualidade e ainda e especialmente do entorno dos alunos. (NAPOLITANO apud EISENBACH, 2011, p. 28)

Napolitano argumentando sobre o uso do cinema, diz que o docente de arte não tem necessariamente que centrar sua abordagem no tema e conteúdo do argumento, roteiro e apresentação, mas deve propiciar atividades que desenvolvam conhecimento em várias áreas, com ligação menor ao problema e conteúdo do filme e maior atenção às formas narrativas e recursos expressivos que o cinema, como linguagem, possui. (2010, p. 29)

11

⁷Nota da autora.

Uma sugestão é a partir do roteiro de um filme o professor proponha aos alunos a montagem de uma representação teatral e que para isto o filme seja aproveitado para fazer estudo de personagem, cenas, cenários, figurinos, dramatização de cenas, sonoplastia.

O professor pode ainda a partir do roteiro do filme propor a composição de desenhos, esculturas e gravuras inspiradas no texto. (NAPOLITANO, 2010, p. 29) Outra forma de trabalho pode ainda ser relacionada aos materiais, efeitos mecânicos, ópticos, de iluminação, das lentes e filtros utilizados pelas câmeras e de estúdio (explosões, incêndios, inundações, etc) utilizados na produção cinematográfica

para conseguir os efeitos vistos na tela. (NAPOLITANO, 2010, p. 30)



A revelação e conservação da película celulóide também pode ser objeto de estudo. Mostrar como a revelação ocorre através de processos químicos e químico-físicos é uma boa oportunidade de se fazer a interdisciplinalidade. (EISENBACH. 2011, p. 29)

Outra perspectiva de estudo baseada nas películas pode ocorrer a partir de uma visita a uma cinemateca, museu da imagem e do som ou outro local em que os alunos possam verificar as dificuldades de transporte e estocagem das cópias e da própria telecinagem.

Muitas vezes, este trabalho logístico causa dano às películas, assim pode ser aproveitado o gancho para que os alunos conheçam os processos e técnicas de restauro de películas danificadas pelo tempo ou armazenamento não adequado. (NAPOLITANO. 2010, p. 30)

Aproveitando ainda a aula extraclasse, o professor pode solicitar que sejam mostradas aos alunos algumas técnicas de edição como efeitos de continuidade feitos através de montagem, efeitos especiais pelos processos físico-mecânicos ou digitais como a sincronização do som. A elaboração e adição de sonoplastia aos fotogramas também é importante no processo de estudo da produção cinematográfica. (NAPOLITANO, 2010, p. 30)

Novamente em sala, os alunos podem aprender sobre a decupagem, percebendo como são organizados os planos de filmagem, as sequências e os cortes do filme.

Para isto, os alunos fariam um exercício numerando e descrevendo cada cena aproveitando para modificar sua sequência e percebendo assim a importância deste nível de organização para a qualidade de um filme.

12

Eles podem observar, por exemplo, se há alguma alteração na

leitura do filme a partir desta nova organização das cenas.

Através deste exercício o aluno poderia aprender a analisar o filme a partir de sua estrutura, educando seu olhar neste sentido. (NAPOLITANO. 2010 p. 95)

O argumento e o roteiro do filme são criados pelo roteirista e desenvolvidos pelo diretor. Eles podem ser originais, ficcionais, adaptados de uma obra literária, peça teatral, conto, romance, ou inspirados em fatos reais. Durante a exibição do filme é importante que o aluno saiba o significado destes elementos e consiga percebê-los. (NAPOLITANO, 2010, p. 87)

A fotografia no cinema é o que dá o tom visual do filme. Para isto são utilizados artifícios de iluminação, cores, e planos de filmagem. É importante que os alunos comecem a perceber a relação entre estes elementos através do exercício do olhar para assim perceber o quanto estes elementos são capazes de interferir na mensagem ou emoção que o espectador deve sentir. (NAPOLITANO, 2010, p. 96)

Ainda em se tratando de questões visuais, os alunos podem também pesquisar sobre o figurino utilizado no filme, já que ele é capaz de expressar mensagens e demonstrar a identidade das personagens, ou ainda levar o espectador a perceber a que época o filme faz referência.

O mesmo ocorre com os cenários que muitas vezes trazem aspectos arquitetônicos e históricos bastante relevantes. Normalmente é feito um grande estudo sobre arquitetura para tal, especialmente quando se trata de filmes de época. Assim é importante para uma boa análise fílmica que o espectador se atenha também a estes elementos. (NAPOLITANO, 2010, p. 96)

A exploração dos planos de filmagem (pontos de vista e



enquadramento⁸) também é importante. Apesar do responsável por este elemento ser o operador de câmera ou cameraman, este profissional recebe as sugestões de enquadramento ou movimento de câmera do diretor com a função de organizar o quadro cênico e conduzir o olhar do espectador pelo mundo fílmico, portanto quando bem elaborados, os planos de filmagem podem levar o espectador a se sentir “fazer parte do filme” o que costuma ser sua intenção. (NAPOLITANO, 2010, p. 97)

13

⁸Nota da autora.

Outro fator que trás à tona a emoção do expectador é a trilha sonora do filme, e por isto ela também é um elemento importante a ser analisado. Os efeitos sonoros costumam ser pensados para causar determinadas sensações nos expectadores.

Quando o filme é presenciado sem pretensão de análise, muitas vezes a percepção dos efeitos sonoros é feita inconscientemente. Por este motivo é interessante levar os alunos a perceberem a sonoplastia e discutir qual a intenção percebida no uso destes efeitos, se eles estão ou não coerentes com o filme, se realmente exercem influência emocional à cena e pedir que sempre justifiquem suas opiniões com base nesta análise para aguçar seu senso crítico. (NAPOLITANO, 2010, p. 95 e 96)

Através do uso da internet, é de grande valia que os alunos colham informações sobre o impacto da obra no seu tempo, sua bilheteria, crítica recebida, prêmios, polêmicas e outras notícias. Este nível de pesquisa ajuda no desenvolvimento do olhar crítico do aluno enquanto espectador cinematográfico. (NAPOLITANO, 2010, p. 89)



Outra forma de pesquisa relevante é sobre a biografia do diretor do filme, sua obra, formação, influências artísticas, posições político-ideológicas, filmografia, prêmios recebidos, etc. já que estas informações podem auxiliar o aluno na análise de sua obra.

Apesar da importância dos diretores de cinema, muitas vezes são os atores que garantem a bilheteria do filme. Eles desenvolvem seu trabalho com base nos parâmetros estipulados pelo diretor e fornecidos pelo roteiro e o que os torna especiais é o emprego de um estilo pessoal na construção e interpretação dos personagens. Por este motivo este profissional muitas vezes pode ser determinante para o resultado do filme.

No filme “A Dama de Ferro” (The Iron Lady), por exemplo, segundo Marcelo Forlani⁹ (2012), a atriz Meryl Streep é “a única coisa que realmente se destaca no longa”, já que a parte política e histórica foram deixadas de lado para que fosse dada ênfase na solidão e na doença da ex-premiê britânica, que permanece viva até hoje.

Sobretudo para as atividades voltadas à educação artística [...] é interessante conhecer as técnicas de representação, a expressão corporal e a interiorização psicológica do personagem executadas pelo ator que o interpreta. (NAPOLITANO, 2010, p. 89)

⁹ Crítico de arte. Responsável junto com outros pelo site de crítica de cinema Omelete, do provedor UOL. Nota da autora.

O professor também pode propor em sala de aula a leitura em jornais e revistas, ou até mesmo em programas de rádio e TV sobre as críticas do cinema, já que a tarefa do crítico é a de mediador entre a obra de arte e o expectador. Isto pode ser feito em parceria

com a disciplina de língua portuguesa, por exemplo.

Para auxiliar o aluno, o professor de arte deve estar bem informado sobre as abordagens que a crítica cinematográfica tem elaborado atualmente, portanto também tem que se ater a sua leitura. Napolitano (2010, p. 66 a 68) citando Moscariello¹⁰ aborda as seguintes formas de crítica cinematográfica: - Formalista: analisa a fotografia do filme (qualidades pictóricas e de composição visual), comparando o filme com a obra figurativa. - Conteudista: não se preocupa com a forma, mas sim com o conteúdo apresentado no filme. - Psicológica: analisa a realidade interior ou psicológica dos personagens do filme. - Psicanalítica: se detém no autor, e tenta explicar sua poética através de termos da psicologia. - Estruturalista: “[...] considera o texto fílmico como um organismo autônomo e acabado, cujo funcionamento interno é necessário revelar” através da desconstrução e reconstrução do mesmo, relacionando assim as unidades significantes do texto. (NAPOLITANO, 2010, p. 67) - Textual: percebe o filme como um “universo fechado e auto-suficiente”, fazendo a relação deste filme com outros do mesmo autor ou corrente poética. - Moderna: analisa o filme de forma mais abrangente, relacionando os vários elementos que o compõe, como argumento, direção, roteiro, narrativa, fotografia, interpretação entre outros.

O objetivo deste nível de crítica é o de perceber se os elementos citados acima estão integrados e foram bem manipulados pelo diretor a fim de obter determinados resultados esperados pelo espectador. É este tipo de crítica que comumente são encontrados em jornais e revistas com foco em cinema.

Para que o aluno vá além da análise teórica e compreenda a estrutura de montagem de um filme na prática, pode ser estimulada junto aos alunos a criação de

¹⁰ MOSCARIELLO, Ângelo. Como ver um filme. Porto: Editorial Presença, 1985, p. 95-93

vídeos já que este tipo de atividade normalmente é percebida por eles por algo divertido e moderno.

O vídeo pode ser desenvolvido parcialmente ou na íntegra, incluindo a criação do texto e roteiro, ou pode representar uma obra literária na linguagem filmica. Este tipo de atividade desenvolve a autonomia e organização dos alunos, já que eles devem ser os responsáveis por toda a estrutura do filme e o professor apenas o orientador.

Este é um processo que os alunos costumam gostar de fazer e depois de assistir. No momento da exibição do filme, eles percebem seu corpo, sua voz, expressão corporal e facial.

Moran (1995) propõe algumas atividades práticas com base em um filme apresentado em sala de aula que são muito pertinentes à disciplina de arte: - Completar o vídeo: o professor não exhibe o filme na íntegra, mostrando a trama até determinado ponto. A tarefa proposta neste caso é a de os alunos que comporem um final para o filme, justificando sua escolha.

Depois de construído o novo final os alunos apresentam (ou representam) o que criaram. Então o final do filme original é exibido para que professor e a turma comparem a idéia dos alunos e a do autor para o desfecho do filme. - Modificar vídeo: a idéia neste caso é a de que os alunos pesquisem filmes ou vídeos, façam suas escolhas e o editem, modificando a sonoplastia, legenda e texto, reelaborando o material de acordo com sua necessidade e criatividade. - Vídeo Produção: nesta atividade os alunos utilizam



várias fontes de pesquisa para criar o roteiro, fazer a gravação, edição e sonoplastia de um filme elaborado por eles próprios.

Após a confecção do vídeo, os trabalhos devem ser apresentados para a turma e os alunos devem fazer a auto-crítica, descrevendo a diferença entre a intenção que tinham inicialmente e o resultado obtido. - Vídeo Espelho: os alunos são gravados e posteriormente o vídeo é exibido em sala de aula. A idéia é que os alunos analisem seu próprio desempenho e o dos seus colegas.

Neste momento é muito importante a mediação do professor para que ouça e comente tanto o vídeo quanto as palavras dos alunos evitando situações vexatórias e possíveis comentários maldosos que possam surgir.

Ainda são sugeridas pelo autor outras dinâmicas como a dramatização de situações do filme, utilizando o teatro por parte dos alunos como forma de expressão.

16

Os alunos também podem contar, escrever ou representar situações da vida cotidiana semelhantes às ocorridas no vídeo, desenhar cenas impressionantes ou ainda comparar o vídeo à obra literária que o originou. (VOLLÚ, 2006, p. 15)

O importante é que após cada uma destas atividades, os alunos as comentem em sala de aula para desenvolver seu poder de análise, crítica, autocrítica e oratória. (VOLLÚ, 2006, p. 15)

Todas estas atividades citadas acima podem ser aproveitadas pelo professor para avaliar os alunos, o processo, e se ainda se auto-avaliar (VOLLÚ, 2006, p. 15).

Através destes tipos de atividades artística baseadas no uso do



cinema o aluno pode desenvolver conceitos sobre cor, iluminação, equilíbrio, movimento, ritmo (tanto visual quanto auditivo), cenário, figurino, expressão vocal, gestual e corporal, roteiro, posicionamento de câmera (ângulos de filmagem), som, densidade, influência de graves e agudos na percepção auditiva, etc através da prática. Ou seja, todos os chamados “elementos formais” das diversas linguagens artísticas podem ser explorados.

Napolitano sugere ainda alguns métodos do uso do cinema nas aulas de arte, em especial na área de artes visuais como a análise de suas cores predominantes, de suas animações e efeitos bem como produção de cartazes, colagens, máscaras, cenários e bonecos com base no filme. (NAPOLITANO, 2010, p. 23)

Finalmente é pertinente dizer que o professor deve pesquisar e buscar diversos métodos de trabalhar o cinema, mas jamais deve deixar de lado a forma de leitura e abordagem filmica que é construída cotidianamente em sala de aula. “Não há fórmula mágica nem receita teórica que substituam a reflexão e a perspicácia do professor em relação aos seus alunos”. (NAPOLITANO. 2010, p. 20)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento realizado com os professores de Arte de Campina Grande do Sul, Quatro Barras e Piraquara no Paraná, observou-se que mesmo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná citando o cinema como conteúdo, raramente ele é trabalhado pelos professores da disciplina como tal.

Normalmente estes profissionais utilizam o cinema apenas como apoio ou ilustração para conteúdos em suas aulas, não percebendo o próprio cinema como conteúdo relevante a ser trabalhado em sala de aula.

O cinema, quando exibido em sala, é utilizado por alguns professores na íntegra, por entenderem que assim o aluno consegue compreender o contexto do filme e sua mensagem. Também porque é difícil para os alunos terem acesso a estes filmes, seja pela distância de locadoras e cinemas de suas casas, seja pelo alto custo deste objeto cultural.

Já os professores que optam por exibir o filme parcialmente, justificam sua escolha com base na afirmação que tendo apenas 2 aulas semanais da disciplina, a exibição do filme na íntegra tomaria muito tempo das aulas, bem como que o tempo prolongado de exibição de um filme poderia fazer com que o aluno perdesse o interesse no mesmo.

Outra forma de uso ocorre quando o aluno se sente vexado para apresentar um trabalho ou teatro e o professor libera para que ele grave em vídeo e use sua exibição para obtenção de nota, deixando inclusive que o aluno utilize o celular neste intento.

A pesquisa foi capaz de perceber uma sequência comumente usada pelos professores de arte em sala de aula que consiste numa introdução ou estudo do conteúdo que estará presente no filme; exibição parcial ou na íntegra; discussão sobre seu contexto histórico e pontos relevantes do enredo e questionário ou síntese do filme.

Mesmo sabendo desta forma de uso do cinema pelos professores de arte, vale a pena citar os métodos para seu uso indicado Napolitano, Moran e Vollú. Os três indicam formas para o uso do cinema em sala de aula que servem para todas as disciplinas, incluindo arte.

Primeiramente, o professor deve levar o aluno a perceber o cinema



não só como entretenimento, mas como uma mídia relevante para se processo de ensino-aprendizagem pois o auxilia no desenvolvimento de sua percepção crítica e conseqüentemente o aproxima das classes mais abastadas, com maior acesso aos bens de consumo culturais.

Portanto, é importante que o aluno compreenda que a apreciação estética de qualquer meio cultural, mais do que um gosto pessoal, é uma prática social que atua na formação das pessoas.

A identificação do expectador com algum elemento do filme ajuda a chamar sua atenção para o mesmo constituindo vínculo entre o ele e a trama. O filme passa a fazer sentido a partir do momento em que o expectador se reconhece no filme.

Muitas vezes esta identificação do aluno com o filme não ocorre automaticamente já que muitas vezes não há o hábito da leitura fílmica pelo mesmo.

18

Neste caso o professor deve atuar fazendo a mediação entre cinema e expectador mostrando ao aluno as possíveis relações entre ele e a história, a música, as imagens.

Antes de trabalhar o cinema em sala de aula, o docente deve estar bem embasado em relação ao filme e ter realmente planejado sua aula. Assim ele pode passar um roteiro prévio de trabalho sobre o filme para os alunos. Este roteiro deve ter abordagem informativa e interpretativa do filme constando questões sobre o gênero, tema central, sinopse, personagens principais, características e funções dramáticas.

O professor também pode levar os alunos a fazerem uma análise formal do filme baseado nos elementos formais e de composição,

previstos nos conteúdos estruturantes das Diretrizes Curriculares de Arte do Estado do Paraná.

Já a leitura do filme por parte dos alunos ocorre a partir do momento em que o aluno começa a ser expectador de cinema ocorrendo assim sua “alfabetização fílmica”¹¹ que vai desde a análise formal do cinema até a análise ideológica do mesmo conseguindo elaborar mentalmente e se possível verbalmente o que atualmente é chamada de “crítica moderna”.

Para aproximar mais ainda a escola do cinema através das aulas de arte os alunos podem ser levados à cinemateca e ao museu da imagem e do som, e é claro, também é importante que os alunos consigam assistir um filme no local chamado de cinema, pois apropriando-se das palavras de Benjamin, ali a “aura” deste gênero artístico, apesar de sua reprodutibilidade técnica se concretiza.

Além dos exercícios teóricos já comentados, há exercícios práticos que podem ser elaborados em sala de aula para que os alunos compreendam a estrutura de montagem cinematográfica como fazer a decupagem do filme, reorganizar cenas, modificar trilhas sonoras, refazer cenas na forma de teatro entre outras.

A primeira vista, lendo este artigo o professor pode pensar na impossibilidade de trabalhar o cinema desta forma, realmente como objeto artístico e não somente como apoio.

É conhecida a pequena quantidade de aulas e o tempo que leva para praticar exercícios deste nível com cerca de 40 alunos por turma, porém, todos estes métodos apresentados não precisam necessariamente ser feitos de uma vez só, em um só ano letivo. Eles podem ser elaborados e reelaborados durante todo o período da educação

¹¹ Termo da autora

básica, afinal, assim como o cinema é um gênero artístico historicamente constituído, o conhecimento do aluno também se afirma através de sua história, portanto a alfabetização fílmica pode ocorrer em muitas etapas, como qualquer forma de conhecimento é construído.

Portanto, apesar de todas as dificuldades que o professor de arte enfrenta para exibir um filme, vale a pena este trabalhar o cinema como objeto artístico, pois é importante que os alunos aprendam a se posicionar criticamente diante desta mídia que hora ou outra será corriqueira em suas vidas.

Ler um filme é colher todo o conhecimento que esta mídia é capaz proporcionar. Mais do que um entretenimento, a leitura fílmica é uma forma de inclusão social através da erudição, já que estudantes de qualquer classe social devem desenvolver a percepção do cinema gênero artístico.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. BH: Autêntica, 2002.

EISENBACH, Maysa Nara. O Vídeo nas Aulas de Arte. 2011. 50 f. Monografia (Especialização em Mídias Integradas à Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FORLANI, Marcelo. A Dama de Ferro - Crítica: Filme não acompanha a qualidade de atuação de Meryl Streep. UOL: omelete, 16 de fevereiro de 2012. Disponível em <<http://omelete.uol.com.br/dama-de-ferro-iron-lady/cinema/dama-de-ferro-critica/>> acessado em 26/05/12



MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. Revista Comunicação & Educação. SP: Moderna: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>> acessado em 19/11/2010.

NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema em Sala de Aula. 4. ed. 3. reimpressão. SP: Contexto, 2010.

VOLLÚ, Fátima Cristina. Novas Tecnologias e o Ensino de Artes Visuais. UFRJ: Revista Perspectiva Capiana no. 01, agosto de 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2008